

5

O ESPÍRITO SANTO - UM PANORAMA BÍBLICO

Ezequiel Hanke¹

RESUMO

Experiências do Espírito de Deus encontram-se inseridas nas diversas experiências da vida humana. Este artigo faz um panorama desses testemunhos e experiências e busca entender a vivacidade e a ação do Espírito Santo a partir de alguns testemunhos bíblicos, da forma que podemos descobrir a ação do Espírito para dentro do nosso tempo e de nossas culturas.

Palavras chave: Bíblia; pneumatologia; *ruah*; *pneuma*; *espírito*.

INTRODUÇÃO

Ambas as experiências feitas pelo povo de Deus com o Espírito, tanto no Antigo Testamento, quanto no Novo Testamento, apontam para a história do Espírito: Israel sempre ligou as experiências feitas com Deus a pessoas históricas e a acontecimentos históricos. Sempre quando é empregada a fórmula: “o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó”, juntamente com o Deus único dos pais, estão também sendo lembradas as

¹ Ezequiel Hanke, mestrando em teologia pelo PPG da Faculdades EST em São Leopoldo/RS. Bolsista CAPES. Contato: ezehanke@yahoo.com.br.

diferentes experiências de Deus associadas aos seus nomes. Através da memória histórica, o Deus do Êxodo, da Aliança da Terra Prometida, é tornado tão presente nas escrituras, que é determinado como Criador do mundo e é visto como Senhor que liberta o seu povo da opressão. A experiência histórica de Deus sempre está situada entre a recordação e a esperança. Essa experiência pode ser vista como um caminho que leva em direção a uma meta.²

Uma teologia atual e encarnada do Espírito Santo, não pode ser teologia sem levar a experiência da vida humana em conta, e tudo o que está atrelada a ela: violência, guerras, tristeza, fome, preconceito, destruição, ou seja, onde se vivencia mais morte do que “vida em abundância” cf. João 10.10. Mas onde, sobretudo o amor se dá à vida na pessoa de Jesus Cristo e o Espírito Santo concede ânimo e vigor ao seu povo.

O autor do livro *Sopro de Vida*, Denis Edwards, aponta que a atualidade nos exige uma teologia holística do Espírito, não aquela que inicia em Pentecostes, mas a que inicia com a origem do universo, há 14 milhões de anos. Edwards afirma que cristãos tem a tendência de fazer uma teologia pneumatológica a partir de uma história do Espírito que tem o seu início em Pentecostes. O objetivo é, jamais, desmerecer teologia alguma, mas faz-se pertinente constar de que ao pensar uma teologia do Espírito, não é possível somente partir do evento neo-testamentário de Pentecostes, mas é preciso ter em mente que o Espírito de Deus atuou durante toda a história da criação do universo, e continua agindo, levando as pessoas a Deus,³ e Deus às pessoas. Nesse sentido, perguntaremos pelo Espírito de Deus no Antigo Testamento, para que possamos traçar uma espécie de “linha contínua da atuação do Espírito” que vem agindo até os dias de hoje, na vivencia de fê das pessoas.

² MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 48-49.

³ EDWARDS, Denis. *Sopro de vida: uma teologia do Espírito criador*. São Paulo: Loyola, 2007.

Neste artigo será abordada a tradução da palavra hebraica *ruah*, e perguntaremos pelas experiências feitas com o Espírito no Antigo Testamento. Veremos a tradução da palavra grega *pneuma*, e as experiências feitas com o Espírito Santo no âmbito do Novo Testamento, especialmente a partir de Jesus Cristo como presença do Espírito.

1 A AÇÃO DO ESPÍRITO DE DEUS CONFORME O ANTIGO TESTAMENTO

“O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito.” (Jo 3.8).

1.1 רוּחַ (*ruah*) no Antigo Testamento

Jürgen Moltmann afirma que quem quiser compreender a palavra veterotestamentária *ruah* terá que esquecer a palavra ocidental “espírito”. Tanto a palavra grega *pneuma*, quanto a latina *spiritus* foram formadas em oposição a matéria e corpo e significam algo imaterial. Vivemos sendo influenciados pela distinção feita no ocidente entre espírito e corpo, entre espiritualidade e sensualidade, por isso precisamos buscar outra tradução mais adequada ao sentido da palavra *ruah*.⁴

Quando se fala do Espírito de Deus no Antigo Testamento, geralmente tem-se como referência o termo hebraico *ruah*. O Antigo Testamento hebraico tem trezentas e oitenta e nove ocorrências do termo.⁵ Os significados do termo, entre outros, são, “vento” em seu sentido comum de ar em movimento, “fôlego”, “respiração”, “sopro” e “espírito”. Geralmente o termo é usado para expressar aquilo que anima a vida, tanto em

⁴ MOLTSMANN, 1999, p. 49.

⁵ KIRST, Nelson *et al.* *Dicionário hebraico-português e aramaico-português*. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 224.

seres humanos quanto em animais, algo que se opõe ao que é morto, em algo que se move constantemente, contrapondo-se ao que é rígido.

O “vento” refere-se a fenômenos da natureza, por ex. como a brisa suave em (Is 57.13), o vento tempestuoso em (Jn 1.4), o vento que seca as plantas (Ez 17.10). Existe, portanto, uma estreita ligação entre o sopro do vento e a ação de Deus: os ventos são mensageiros de Deus. (Sl 104.4).⁶

O “sopro” refere-se a força dada por Deus que constitui e mantém a vida. É o princípio da vitalidade de todos os viventes, de modo especial do ser humano (Sl 104.29); opera na revivificação dos ossos mortos (Ez 37.5-9), mas também expressa-se no sentido de ira (Jz 8.3), coragem (Nm 14.24), excitação (Ez 3.14), medo e sofrimento (Jó 7.11; Is 61.3).⁷

No AT, *ruah* vista sem uma contextualização bíblico-teológica permitiria ver o Espírito simplesmente como uma energia impessoal e física. A reflexão bíblico-teológica revela que o Espírito é Deus, de forma pessoal, dinâmica, ativa, inteligente, criador dos céus e da terra, Senhor Soberano sobre todo o universo.⁸ Ele está presente sobre o caos, sobre uma terra desabitada. Há, no entanto, divergências entre os estudiosos quanto à interpretação do termo, mas o entendimento de *ruah* como “Espírito” necessita ser sempre visto como o relacionamento entre Deus e a sua humanidade. A palavra é, porém, muito rica. *Ruah* pode significar o acontecer da presença pessoal de Deus, pode ser a vida que imana em tudo o que é vivo, mas também *ruah* cria espaço, põe em movimento, amplia, dá vida/vitalidade.⁹

⁶ JANOWSKI, Bernd; SCHOLTISSEK, Klaus. Espírito (E.). In: BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian (Orgs.). *Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, Loyola 2011. p. 199.

⁷ BERLEJUNG, 2011, p. 199.

⁸ SANTOS, Áureo Bispo dos. Espírito Santo. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de (Orgs.). *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo, SP: ASTE, 2008. p. 383-386.

⁹ HILDEBRANDT, Wilf. *Teologia do espírito de Deus no Antigo Testamento*. São Paulo, SP: Academia Cristã, Loyola, 2008. p. 21-23.

Alguns livros do Antigo Testamento, como por ex.: Levítico, Obadias, Naum, Rute, Cantares de Salomão e Ester, não empregam de forma alguma o termo. Estes recorrem a símbolos para expressar o Espírito de Deus, por ex. “a mão do Senhor, a água, a unção com óleo, a benção, etc.”.¹⁰ Cabe-nos investigar ainda mais, para então esclarecermos as experiências com o Espírito de Deus no Novo Testamento.

1.2 *Experiências com o poder do Espírito*

Observando passagens do Antigo Testamento, percebe-se que, além do “tradicional significado”, exposto acima, o Espírito de Deus é também defendido como um “poder numinoso, completamente intangível”,¹¹ e a única afirmação que podemos realmente fazer em relação, é de que *nada* de exato se pode afirmar.¹² Recordemo-nos novamente de Jo 3.8: “O ven-

¹⁰ HILDEBRANDT, 2008, p. 19-21.

¹¹ OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal, EST, Petrópolis: Vozes, 2007. 224p. Analisa a realidade do numinoso e do Sagrado em elementos racionais e irracionais, onde os aspectos são descritos como “*mysteryum*”. O numinoso é, portanto, algo fascinante e assombroso, algo que não é possível localizar no sentido racional. Otto busca elementos do numinoso e do Sagrado presentes na Bíblia (em especial: AT nos profetas e NT em Jesus) bem como também na teologia do reformador, Lutero, especialmente na sua mística e pneumatologia.

¹² O autor J. Moltmann no seu livro MOLTSMANN, 1999, baseado em K. Barth, nas p. 20-25, aponta que o Espírito Santo não revela ao homem nada que este possa ver, ouvir, cheirar ou degustar, mas ao invés, aquilo que o homem jamais pode experimentar, isto é, a eternidade de Deus e a vida que se encontra pra lá do limite da morte, como vida eterna. Moltmann continua dizendo que Barth, por isso, chama o Espírito Santo de “Espírito da promessa”, porque ele dá ao homem a expectativa do “Totalmente-Outro”, e por isso não pode ser traduzido para o campo das experiências. O Espírito Santo permanece inteiramente ao lado de Deus, e, por isso, inacessível à experiência humana, mesmo a fé permanece oculta, de modo que aquele que crê, precisa necessariamente acreditar na sua própria fé. Moltmann, porém, se opõe ao pensamento de Barth, acusando-o de criar um transcendentalismo teológico contra o imanentismo teológico que ele se queixa. Mas, segundo Moltmann, não se trata de uma continuidade ou descontinuidade, mas sim na imanência de Deus na experiência humana. Uma vez que o Espírito está no homem, o espírito do homem se apoia em Deus de uma maneira autotranscendente. Nesse ponto preciso concordar com Moltmann.

to sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito”. O Espírito é invisível como o hálito e pouco palpável, como o vento,¹³ porém, é algo material.

Welker assinala que no Antigo Testamento o Espírito de Deus é sempre experimentado como uma força de forma mediada por uma pessoa, e esta conduz à mudança da situação de vida de um povo ou grupo de pessoas.

- Israel sofre sob opressão tão pesada e contínua por outro povo, que “grita para Deus”.
- Potências superiores unem-se para uma grande ofensiva contra Israel.
- São vãs as tentativas de terminar a ofensiva bélica de um povo estranho por intermédio de um entendimento pacífico, evitando mais derramamento de sangue.
- A ameaça por meio de uma força armada superior é assustadora, que Israel oferece ao inimigo uma rendição formal. Quando isso só é aceito sob condição de que todo israelita deve ser arrancado o olho direito “todo o povo começa a chorar copiosamente”.¹⁴

É possível afirmar que o Espírito conduz o povo de Deus à união, livra as pessoas das consequências da impotência e dá um novo ânimo à vida sofrida e oprimida. Nesse tipo de contexto o Espírito é também tido como salvador, aquele que vem de forma imprevisível, mas que renova as forças do seu povo. Normalmente esse tipo de evento, onde o povo do Antigo Testamento é conduzido pelo Espírito, atribui-se a uma pessoa, por ex. a Abraão, Elias, entre outros. Esses personagens conseguem restabelecer a lealdade, a solidariedade de forma conjunta no povo de Israel. Dessa forma, o povo resiste à opressão e consegue sair da dificuldade. Várias passagens bíblicas apontam para esse sentido: Jz 3.7-11; Jz 6.33-35; Jz 8.28; Jz 11.14,27-29; 1Sm 11.6ss.¹⁵

¹³ WELKER, Michael. *O espírito de Deus: teologia do Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 51.

¹⁴ WELKER, 2010, p. 52-53.

¹⁵ WELKER, 2010, p. 54-55.

Aparentemente esses textos bíblicos nos revelam um Espírito guerreiro (guerras), no entanto, querem nos levar a um caminho que revela um “Espírito da justiça e misericórdia”, aquele que liberta das dificuldades e da desesperança. Ele age de forma improvável, mas sempre sob condições existentes na criação. Sempre faz o uso dos seres, por Ele criados, ou seja, o Espírito faz a sua obra com seres reais, finitos.

O Espírito de Deus não é nenhum espírito mágico ou armado (bélico), mesmo que envolvido em ações bélicas, pois em nenhuma passagem é afirmado que Ele traz salvação de forma direta e mágica, nem que ele leva à prática das guerras. Antes, conduz o povo à libertação de uma situação de opressão, livra o seu povo de incertezas, do medo ou lamentação, em meio à situação de desamparo e desorientação.¹⁶

Quanto menos o Espírito de Deus permite ser visto como um “Espírito guerreiro”, tanto menos ele produz heróis religiosos ou morais. Como já dito, o Espírito de Deus vem às pessoas finitas e mortais, (também chamados de “carismáticos antigos”) desce sobre elas e as reveste. Exemplos onde isso é narrado são os personagens Otniel, Gideão, Jefté e Saul,¹⁷ como podemos ler no livro dos Juízes.

Segundo os testemunhos antigos, nem a pessoa abordada pelo Espírito, muito menos seus semelhantes poderiam se alegrar com a atuação. A ação do Espírito sempre se encontrava envolvida em situações assustadoras, ambíguas e estranhas, com dúvidas e desamparo. As pessoas, as quais o Espírito envolveu, poderiam ser colocadas a serviço de uma maneira opressiva, como aconteceu com Jefté (Jz 11.29ss). A história revela o quanto a atuação do Espírito pode ser perigosa. Revela também que a própria pessoa não controla o Espírito que a envolveu; que as pessoas poderiam ter tido todos os motivos para temer o contato com o Espírito, e sua ação, mesmo que esse Espírito promovia a liberdade do povo das suas dificuldades e opressão.

¹⁶ WELKER, 2010, p. 56.

¹⁷ WELKER, 2010, p. 57-58.

Todos os textos que narram a ação do Espírito nada dizem sobre o que aconteceu com essas pessoas, mas ao mesmo tempo não omitem as consequências, muitas vezes catastróficas e opressivas da ação do Espírito nas pessoas.

Juízes 11.30ss testemunha uma situação severa de opressão, a história da vitória de Jefté. Dessa história pode-se tirar uma conclusão: A ação do Espírito é repleta de perigos e não necessariamente é ligada a alegrias ou felicidade para a pessoa portadora. Welker, ao expor sobre o assunto pergunta por que o povo não foi capaz de se livrar da opressão antes do Espírito de Deus “entrar em ação”. A resposta para esse questionamento se dá no seguinte sentido

Israel perde sua unidade interior, sua coesão *por causa do seu pecado*. À medida que Israel esquece Deus e passa a dedicar-se aos ídolos dos povos estranhos, perde sua coesão interna, perde as forças para defender-se de agressões e opressão de fora. A partir da vontade desesperada da conversão, da confissão do pecado ou, pelo menos, a partir do grito a Deus em meio à necessidade, Deus faz, como se diz “aparecer um salvador”, sobre o qual desce o Espírito.¹⁸

O contexto geralmente relatado sobre a descida do Espírito de Deus é o pecado, o afastamento de Deus, a idolatria, necessidades e o clamor do povo a Deus. A partir da descida do Espírito de Deus uma mudança começa a se instalar. O processo do medo e sofrimento chegam ao final. Vale salientar que as antigas experiências do poder salvífico do Espírito ainda não se encontram claramente moldadas e desenvolvidas. As antigas experiências são experiências de

[...] como se dá um novo começo para a restauração da comunhão do povo de Deus, são experiências de perdão dos pecados, da reabilitação do “esmagado e oprimido” e da renovação das forças da vida.¹⁹

¹⁸ WELKER, 2010, p. 61.

¹⁹ WELKER, 2010, p. 63, [grifo do autor].

Essas experiências, portanto, nos levam a pensar no terceiro artigo do credo dos apóstolos, quando fala da comunhão dos santos, o perdão dos pecados, a ressurreição e a vida eterna, pela proximidade de conteúdo. As palavras “Creio no Espírito Santo, uma santa igreja cristã, a congregação dos santos, a remissão dos pecados, e ressurreição da carne e a vida eterna. Amém.” são explicadas por Martim Lutero no Catecismo Menor com as seguintes palavras

Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele. Mas o Espírito Santo me chamou pelo Evangelho, iluminou com seus dons, santificou e conservou na verdadeira fé. Assim como chama, congrega, ilumina e santifica toda a cristandade na terra, e em Jesus Cristo a conserva na fé verdadeira e única. Nesta cristandade perdoa a mim e a todos os crentes diária e abundantemente todos os pecados e, no dia derradeiro, me ressuscitará a mim e a todos os mortos e, em Cristo, me dará a mim e a todos os crentes a vida eterna. Isto é certissimamente verdade.²⁰

Lutero escreve sobre a ação do Espírito Santo na vida das pessoas e da Igreja. Deus se fez ser humano em Jesus e rompe a distância entre nós e Ele. Também é Ele quem nos dá a fé (graça, dádiva) e faz com que nós assim possamos falar de Deus. E sobre isso Lutero escreve no primeiro artigo do credo apostólico: “Creio que Deus me criou a mim e a todas as criaturas; e me deu corpo e alma, olhos, ouvidos, e todos os membros, razão e todos os sentidos e ainda os conserva; [...]”.²¹

Podemos observar aqui a perspectiva centrada no discernimento da pessoa. A pessoa não se encontra só, está ligada a uma comunidade, e a um conjunto de comunidades (Igreja como corpo de Cristo). Deus quer, “que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade”

²⁰ LUTERO, Martinho. *Catecismo Menor* (1529) In: LIVRO DE CONCÓRDIA, 2006. p. 371-372.

²¹ LUTERO, Martinho. *Catecismo Menor* (1529) In: LIVRO DE CONCÓRDIA, 2006. p. 370.

(1Tm 2.4). E a verdade é “Pois há um só Deus e também um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, que se entregou em resgate por todos nós” (1Tm 2.5s). É por isso que carecemos da ação do Espírito Santo, pois não é só pela razão que se chega a um discernimento.

2 A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO A PARTIR DO NOVO TESTAMENTO

“Até que do alto o Espírito seja derramado sobre nós. Então o deserto se tornará um vergel e o vergel será considerado uma floresta. No deserto habitará o direito e a justiça morará no vergel. E o fruto da justiça será a paz.” (Is 32. 15-17).

a. *pneuma (pneuma) no Novo Testamento*

Segundo o dicionário teológico de Kittel, o Novo Testamento compartilha a convicção veterotestamentário-judaico acerca da presença de Deus em Espírito (*pneuma [agion]*, que significa “vento”, “sopro”, “alento”).²²

“Vento” denota a força vital que atua como uma corrente de ar, e significa o vento em movimento, bem como sua sutil materialidade. Pode ser um vento tormentoso, normal, uma brisa, ou inclusive um vapor. Possui um efeito sobre o clima, a saúde, e se vê simultaneamente como natural e divino. “Alento” (hálito) é aquilo que se inala e exala na respiração, que vai desde o início da respiração, até o desaparecimento.

No Novo Testamento o Espírito Santo é o Espírito do Cristo ressurreto que se tornou carne. Não ocupa uma posição inferior nem superior em relação ao Deus Pai e ao Deus Filho, mas sim de igualdade e com o mesmo poder.²³ Nos quatro evangelhos podemos encontrar símbolos que

²² KITTEL, Gerhard. *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. Stuttgart: Kohlhammer, 1949-1979. v. VI, p. 856-872.

²³ BORTOLLETO, 2008, p. 383-386.

representam a atuação do Espírito como, por ex. o fogo, que significa a proximidade. (Exemplos nos evangelhos: Lc 9.54; Mt 7.19; Mc 9.43-48 Lc 16.24 e Jo 15.6).

A teologia de Paulo também pode ser entendida a partir do batismo no Espírito Santo. Paulo entende-se como alguém pneumaticamente dotado, interpreta a ressurreição e a exaltação de Jesus, como operadas pelo Espírito (Rm 1.4; 2 Co 13.4) e ressuscitado como pneuma (2 Co 3.17). Mediante a ressurreição por Deus, o ser se torna “*pneuma* que dá a vida” (1 Co 15.45), a primícia da nova criação. Paulo, contudo, percebe que Deus é e permanece a fonte do Espírito, que opera através dele para a salvação da sua criação.²⁴

b. Experiências com o Espírito Santo no Novo Testamento

A fé cristã nos diz que não é mais preciso buscar Jesus, aquele que salva e consola, sobre o qual descansa o Espírito de Deus, pois inúmeros testemunhos²⁵ evidenciam o fato de Jesus Cristo, o Filho de Deus ser o portador (de forma concreta) do Espírito. Diversas promessas do envio do Espírito (paracleto²⁶), por Jesus, acolhem as tradições que prometem um “derramamento” do Espírito do céu sobre um grande número de pessoas. Essas promessas estão intimamente ligadas, tendo em vista a Jesus, o Cristo.

²⁴ BERLEJUNG, 2011, p. 200.

²⁵ Testemunhos bíblicos, como o relato do nascimento, do batismo de Jesus, a própria pregação de Jesus, bem como a morte de cruz e ressurreição relacionam-se de várias maneiras com a promessa de Jesus ser o portador do Espírito.

²⁶ SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus 2010. p. 925-926 aborda o Espírito Santo como paracleto. O termo é usado no contexto grego profano como advogado, defensor ou intercessor. No Novo Testamento João adotou o termo e o ampliou, acrescentando sobretudo, uma função hermenêutica. No tempo pós-pascal o paráclito aparece como o Christus praesens, como a presença de Jesus Cristo. Identificado ao termo “*pneuma ágion*”, (Jo 15.26; 16.13) o paracleto habita e opera para toda a eternidade (cf. Jo 14.16s). Ele ensina e recorda a comunidade acerca daquilo que Jesus disse, sendo dessa forma, memória da comunidade. O paráclito ensina a comunidade (Jo 16.15), e, portanto através do paráclito que fala o próprio Cristo glorificado, de modo que abole a distância entre o passado e o presente.

O Espírito Santo é aquele que nomeia publicamente Jesus Cristo, o que é difícil de compreender, segundo o Novo Testamento. Agora, diante de que público dá-se o reconhecimento àquele que na cruz “pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus”. (Hb 9.14)

O nascimento, batismo e a tentação de Jesus no deserto, como também as curas/milagres e os exorcismos feitos por Jesus, estão intimamente ligadas, conforme relato nos evangelhos, ao Espírito de Deus. As curas e os exorcismos já eram algo controverso no tempo de Jesus, e o continuam ainda hoje. Diante disso fica difícil reconhecer nesses relatos o poder público que atua e que torna reconhecido o Espírito de Deus a nós humanos. Welker questiona essa “esfera pública” e pergunta se a ação do Espírito não seria justamente a exclusão dessa esfera. Podemos justificar esse pensamento com a mesma base bíblica: 1. O nascimento virginal de Jesus não contraria as tentativas de explicação a “vinda pública” do Espírito? 2. Quando Jesus é conduzido e tentado pelo Espírito no deserto, não seria isso a condução de Jesus para fora da “esfera pública”? 3. O Espírito que desce sob forma de pomba no ato do batismo é percebido somente por Jesus, por Jesus e Batista, ou por todas as pessoas que por lá estavam no ato batismal?²⁷

Sob um olhar um pouco mais aprofundado, podemos perceber que Jesus é investido de forma pública pelo Espírito de Deus não somente nos eventos pós-pascuais, mas também já antes. Frente a esses eventos, formação no ventre de uma virgem, tentação no deserto, o ato do batismo de Jesus relaciona-se com o público humano de forma concreta, que enxerga tudo o que acontece. Dessa forma, torna-se mais claro de que forma Jesus é o portador do Espírito Santo. Após o batismo o céu se abre, e o Espírito desce na forma de pomba, e o povo

²⁷ WELKER, 2010, p. 157-159 [grifo do autor].

presente percebe, mas certamente não entende tudo aquilo que está acontecendo. O essencial a destacar é que o Espírito, que aparece sob forma de pomba, novamente não traz o extraordinário, mas antes se adapta às condições simples da vida humana, e às experiências humanas (a pomba é símbolo da paz e conhecido por todas as pessoas). Em suma: O Espírito encobre o Cristo (divino), mas revela a sua condição humana, ou seja, é uma força que envolve pessoas em prol de outras, animando, provocando a edificação da comunidade, fortalecendo os fracos, libertando oprimidos, etc.

Dessa forma, Jesus, sendo o portador do Espírito de forma pública ajuda o seu povo em inúmeras situações de sofrimento, leva fracos e oprimidos ao conhecimento de Deus; Jesus, o Nazareno, atua com as suas condições de ser humano, como sendo o prometido por Deus, sobre o qual está o Espírito, e o Espírito não é somente para um grupo de pessoas, ou uma determinada cultura, mas para toda a sua criação.²⁸

O Espírito age, portanto, para uma multiplicidade de experiências bem concretas. O interessante é que as ações de libertação partem de uma pessoa que nada reivindica para si mesma, muito menos quer ser reconhecida como um herói. Ele age por meio de uma pessoa que sofre e cala publicamente, é aquele que expulsa demônios e diz: “Se *eu* expulso os demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós”.²⁹ Dessa forma dá-se a ação salvífica, por meio do Espírito. Na libertação do sofrimento pela ação de Jesus e do Espírito, Deus mostra toda a sua glória. Junto com a atuação do Espírito também vem a blasfêmia contra o Espírito.³⁰ Ela é imperdoável, quando a ação não se mostra favorável às condições da vida humana.

²⁸ WELKER, 2010, P. 163-166.

²⁹ WELKER, 2010, p. 167.

³⁰ Blasfêmia contra o Espírito significa não perceber e não levar a sério a ação do Espírito em Jesus Cristo. A blasfêmia acontece quando pessoas ignoram Deus ou não dão atenção ao sofrimento humano concreto. [WELKER, 2010, p. 185.]

A força do Espírito de Deus traz, pois, a justiça e promove a paz a partir das ações de Jesus Cristo, que cura e liberta pessoas sofridas, ao mesmo tempo anunciando o reino salvífico de Deus na sua morte e ressurreição. Dessa forma, o Espírito Santo é o Espírito de Jesus Cristo – Welker também afirma quando diz que o Espírito é uma força que

- traz ajuda em situações diversas de impotência, cativo, e enredamento experimentadas de forma social e individual;
- dessa maneira reúne as pessoas em completo altruísmo e sem meios públicos de poder para a esfera pública universal emergente do reino de Deus;
- se comprova como Espírito da salvação do sofrimento humano e do pecado e como o Espírito do restabelecimento de solidariedade e capacidade de ação comunitária;
- age como Espírito da preservação em meio à opressão prolongada em diversos contextos existenciais;
- transforma e renova pessoas e ordens e torna as pessoas receptivas para a ação criadora de Deus;
- revela os espíritos maus e os espíritos da mentira;
- se concentra na presença de Deus em meio à falta de clareza do mundo e da vida.³¹

O Espírito de Cristo é, pois, antes aquele que se manifesta como uma força salvífica, que age em diversos contextos transformando vidas e revelando a presença de Deus por seu intermédio, o paracleto

[...] enviado pelo Pai em nome de Jesus (Jo 14.26; cf. 14.16), ou é enviado por Jesus “a partir do Pai” (Jo 15.26; cf. 16.7). Ele irá ensinar os discípulos e lembrá-los-á tudo o que lhes falou (Jo 14.26), “dará [...] testemunho” dele (Jo 15.26), e “não falará a partir de si próprio” (Jo 16.13ss): ele o glorificará, pois tomará do que é dele e lhes proclamará (Jo 16.14; cf. 16.15).³²

Por meio do paracleto, Jesus e sua palavra podem permanecer nos diversos contextos da vida e de experiência das pessoas.

Pelo paracleto Jesus não se encontra “ubipresente” de forma indeterminada, indiferente, mas, por meio dele, certamente se

³¹ WELKER, 2010, p. 186.

³² WELKER, 2010, p. 187-188.

insere em plena autenticidade dentro de contextos que, do ponto de vista de tempo e espaço, são distantes e estranhos entre si.^{33 34}

A presença do Espírito Santo torna-nos, pois, participantes de uma comunhão de testemunhas concedendo forças e firmeza na comunhão e no conhecimento da verdade. O Espírito capacita pessoas para firmar e fortificar outras pessoas, e nesse sentido se comprova o espírito do amor. Nessa força, do amor doado, a pessoa experimenta fortalecimento, consolo, perdão...

Dessa forma, contudo, o Espírito de Deus faz surgir o Espírito do amor, à medida que as pessoas se esforcem para a edificação do Corpo de Cristo, de forma mútua. No mundo atual onde povos são abandonados e desrespeitados pelo Estado, como por exemplo, a recente evacuação da tribo Kaiowá na região amazônica do Mato Grosso para a construção de uma usina hidrelétrica, parece-nos que o Espírito “consolador” é mais uma ilusão, sendo antes o Espírito que revela o juízo sobre os poderes que reinam na sociedade. A partir desse tipo de situação o Espírito quer conduzir sempre de novo aos pés da cruz, e nos lembrar de que “Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim;” (Jo 15. 26).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto podemos afirmar que o Espírito Santo é aquele que gera intimidade entre Deus o Pai (Abba) e sua criação. Uma intimidade mística e obscura. É nessa intimidade que Deus, mediante o Espírito permite a ação, e dessa forma, onde Cristo é experimentado como dádiva de graça, perdão e vida, ele se torna, exemplo de amor ao próximo, ali o Espírito Santo está em ação (Deus é amor - 1 João 4.8).

³¹ WELKER, 2010, p. 186.

³² WELKER, 2010, p. 187-188.

Esta intimidade que o Espírito gera, significa uma constante tensão entre o pecado humano e a justificação divina. Isso se dá de forma concreta quando humanos se reconhecem como parte da comunhão com Cristo, o crucificado e ressurreto, que conduz do mais escuro abandono para dentro da maravilhosa luz, à presença de Deus; vivifica a comunhão onde ela está quebrada.

O Espírito é, portanto uma força que salva e liberta as pessoas: “Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (2 Co 3.17). Tem por meta a libertação das pessoas; não é opressor; visa a preservação e reconciliação; não é destruidor; revela-se por meio de ações de transformação e renovação da vida humana e de sua criação; nesse sentido não permanece no numinoso, mas revela-se.

Essa relação pode ser vista e é confessada em quatro dimensões no Credo dos Apóstolos: comunhão dos santos, perdão dos pecados, ressurreição da carne e vida eterna. Este é o poder vivo e atuante da bondade de Deus e a alegria que o Espírito desperta. Em Jesus Cristo encontramos “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14.6).

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. 914 p. (AT); 309 p. (NT).
- BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian. (Orgs.). *Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, Loyola 2011.
- BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de; (Orgs.). *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.
- BRAKEMEIER, Gottfried. . O Espírito Santo e a igreja luterana. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo , v.40, n.2 , p. 5-10, ago. 2000.
- BRANDT, Hermann. *O Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.
- BRUNER, Frederick Dale. *Teologia do Espírito Santo*. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- BULTMANN, Rudolf Karl. *Teologia do novo testamento*. São Paulo: Teológica, 2004.
- COMBLIN, José. *O Espírito Santo no mundo*. São Paulo: Paulus, 2009.
- EDWARDS, Denis. *Sopro de vida: uma teologia do Espírito criador*. São Paulo: Loyola, 2007.
- HAHN, Udo. *O Espírito Santo*. São Paulo: Loyola, 2003.
- HILDEBRANDT, Wilf. *Teologia do Espírito de Deus no Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã/ Loyola, 2008.
- JENSEN, Richard A. *O toque do Espírito: a luta de um homem para compreender a sua experiência com o Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.
- KIRST, Nelson *et al.* *Dicionário hebraico-português e aramaico-português*. São Leopoldo: Sinodal, 1988.
- KITTEL, Gerhard. *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. Stuttgart: Kohlhammer, 1949-1979. v. VI.
- LIVRO DE CONCÓRDIA*: as Confissões da Igreja Evangélica Luterana. Editado por Darci Drehmer, tradução e notas de Arnaldo Schüler. 6. ed. Porto Alegre: Concórdia, São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra, 2006.
- LOHSE, Bernhard. *Afê cristã através dos tempos*. São Leopoldo: Sinodal, 1981.
- MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1999.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/ EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

WELKER, Michael. *O Espírito de Deus: teologia do Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

¹ Mestrando em Teologia pela Escola Superior de Teologia - EST (São Leopoldo, RS) e bolsista CNPq, Especialista em Filosofia Contemporânea pela FACEL (2014 - Curitiba, PR) e Bacharel em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia - FLT (2013 - São Bento do Sul, SC). Email: raphaelson.zilse@gmail.com.br.